

32 - RACHEL DE QUEIROZ

CADEIRA Nº 32
PATRONO: ULISSES PENNAFORT

RACHEL DE QUEIROZ

*RACHEL DE QUEIROZ, filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, nasceu em Fortaleza, no dia 17 de novembro de 1910. Tendo os primeiros estudos com professores particulares, em sua própria residência, iria concluir o Curso Normal no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, em 1925. Apenas dois anos depois ingressa no jornalismo, colaborando n'**O Ceará,** de Júlio Ibiapina, escrevendo a princípio sob o pseudônimo de Rita de Queluz. Torna-se redatora efetiva desse periódico e passa a escrever em revistas como **A Jangada,** e jornais como **O Povo,** fundado em 1928, de cujo suplemento modernista **Maracajá,** de 1929, é figura destacada, assinando textos em prosa e em verso com o nome real. Ainda em Fortaleza escreveu e publicou seu primeiro romance, que lhe daria renome nacional. Transferindo-se para o Rio de Janeiro ainda em 1930, onde continua a publicar romances, dedicou-se também ao teatro e à crônica. Durante muito tempo militou no jornalismo, colaborando n'**O Jornal,** na **Última Hora** e no **Jornal do Commercio,** escrevendo para revistas como **O Cruzeiro** e **A Cigarra,** além de outros periódicos, como o **Diário de Notícias,** nos primeiros tempos de Rio. Considerada uma das tradutoras mais ativas do país, já transpôs para o nosso idioma cerca de quarenta obras. Há vários anos passa parte do ano no Rio de Janeiro e outra parte no interior do Ceará, na sua fazenda "Não me deixes". Participou em 1966 da 21ª sessão da Assembléia-Geral da ONU, onde serviu como delegado do Brasil, na Comissão dos Direitos do Homem. É do Conselho Federal de Cultura, desde sua fundação, em 1967. Tendo sido a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, tomou posse da Cadeira nº 5 no dia 4 de novembro de 1977. Obras publicadas: **O Quinze** (1930), hoje com cerca de 40 edições; **João Miguel** (1932), **Caminho de Pedras** (1937), **As Três Marias** (1939), **Dôra, Doralina** (1975), **O Galo de Ouro***

(1985) e **Memorial de Maria Moura** (1992), romance, a maioria com várias edições; **A Donzela e a Moura Torta** (1948), **100 Crônicas Escolhidas** (1958), **O Brasileiro Perplexo** (1964), **O Caçador de Tatu** (1967) **As Menininhas e Outras Crônicas** (1976), e **O Jogador de Sinuca e Mais Historinhas** (1980), crônicas: **Lampião** (1953), e **A Beata Maria do Egito** (1959), teatro; **O Menino Mágico** (1969), literatura infanto-juvenil. Acrescente-se que o romance **O Galo de Ouro** havia sido publicado em folhetins d' **O Cruzeiro** em 1950. **O Quinze,** romance que projetou nacionalmente o nome da escritora cearense, foi traduzido no japão e na Alemanha; **As Três Marias,** nos Estados Unidos; **Dôra, Doralina,** nos Estados Unidos e na França. Vários foram os prêmios conquistados pelas suas obras: o romance de estréia obteve o Prêmio da Fundação Graça Aranha; o quarto romance, o Prêmio da Sociedade Felipe d' Oliveira; **A Beata Maria do Egito** obteve o Prêmio de Teatro do Instituto Nacional do Livro e o Prêmio Roberto Gomes, da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro; **Lampião,** o Prêmio Saci d'**O Estado de S. Paulo.** O romance **Memorial de Maria Moura** consquistou mais de um prêmio. Em 1957 Rachel de Queiroz recebeu o prêmio-consagração da Academia Brasileira de Letras, para conjunto de obra: o Prêmio Machado de Assis. Em 1993, a escritora foi agraciada com o Prêmio Camões, do Governo de Portugal. Quando, em 1960, a Livraria José Olympio Editora, para comemorar o cinqüentenário da ficcionista, fez editar suas primeiras obras, sob o título de **Quatro Romances,** o poeta Manuel Bandeira escreveu o hoje famoso "Louvado para Rachel de Queiroz", incluído no livro **Estrela da Vida Inteira.** Entre as traduções feitas pela escritora, e às quais já fizemos referência, podemos citar as de **Humilhados e Ofendidos, Recordações da Casa dos Mortos, Os Demônios** e **Os Irmãos Karamázovi,** de Dostoiévski; **O Castelo do Homem sem Alma,** de Cronin; **Destino da Carne,** de Samuel Butler; **O Morro do Vento Uivante,** de Emily Bronte e **Memórias,** de Tolstói. Em 1970 recebeu o título de Cidadã Carioca, outorgado pela Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara. Ao publicar **O Quinze** em 1930, foi a escritora saudada por Augusto Frederico Schmidt, que afirmou, entre outras coisas: "Não se encontra no pequeno romance que D. Rachel de Queiroz acaba de publicar o mínimo abuso. A própria paisagem de seca cujo horror podia dar motivo para maior expansão descritiva, a própria paisagem vem apenas

necessariamente, em rápidos e sóbrios painéis, tão rápidos e sóbrios, tão ligados com a vida dos personagens, com a vida do livro, que seria impossível se destacar um trechozinho qualquer para antologia."

TANGERINE-GIRL

De principio a interessou o nome da aeronave: não "zepelim" nem dirigível, ou qualquer outra coisa antiquada: o grande fuso de metal brilhante chamava-se modernissimamente **blimp**. Pequeno como um briquedo, independente, amável. A algumas centenas de metros da sua casa ficava a base aérea dos soldados americanos e o poste de amarração dos dirigíveis. E de vez em quando êles deixavam o poste e davam uma volta, como pássaros mansos que abandonassem o poleiro num ensaio de vôo. Assim de comêço, aos olhos da menina, o **blimp** existia como uma coisa em si — como um animal de vida própria; fascinava-a como prodígio mecânico que era, e principalmente ela o achava lindo, todo feito de prata, igual a uma jóia, librando-se majestosamente pouco abaixo das nuvens. Tinha coisas de ídolo, evocava-lhe um pouco o gênio escravo de Aladin. Não pensara nunca em andar dentro dêle; não pensara sequer que pudesse alguém andar dentro dêle. Ninguém pensa em calvagar uma águia, nadar nas costas de um golfinho; e no entanto o olhar fascinado acompanha tanto quanto pode águia e golfinho, numa admiração gratuita — pois parece que é mesmo uma das virtudes da beleza essa renúncia de nós próprios que nos impõe, em troca de sua contemplação pura e simples.

Os olhos da menina prendiam-se portanto ao **blimp** sem nenhum desejo particular, sem a sombra de uma reivindicação. Verdade que via lá dentro umas cabecinhas espiando, mas tão minúsculas que não davam impressão de realidade — faziam parte da pintura, eram elemento decorativo, obrigatório como as grandes letras "U. S. Navy" gravadas no bôjo de prata. Ou talvez lembrassem aqueles perfis recortados em fôlhas que fazem de chofer nos automóveis de brinquedo.

O seu primeiro contacto com a tripulação do dirigível começou de maneira puramente ocasional. Acabara o café da manhã; a menina tirara a mesa e fôra à porta que dá para o laranjal, sacudir da toalha as migalhas de pão. Lá de cima um tripulante avistou aquêle pano branco tremulando entre as árvores espalhadas e a areia, e o seu coração solitário comoveu-se. Vivia naquela base como um frade no seu convento — sòzinho entre soldados e

exortações patrióticas. E ali estava, juntinho ao oitão da casa de telhado vermelho, sacudindo um pano entre a mancha verde das laranjeiras, uma mocinha de cabelo ruivo. O marinheiro agitou-se todo com aquêle adeus. Várias vêzes já sobrevoara aquela casa, vira gente em baixo entrando e saindo; e pensara quão distante vivem os homens, quão indiferentes passam entre si, cada um trancado na sua vida. Êle estava sempre voando por cima dos outros, vendo-os, espiando-os, e se alguns erguiam os olhos, nenhum pensava no navegador, que ia dentro: queriam só ver a beleza prateada vogando pelo céu.

Mas agora aquela menina tinha para êle um pensamento, agitava no ar um pano, como uma bandeira; decerto era bonita — o sol lhe tirava fulgurações de fogo de cabelo, e a silhueta esguia se recortava claramente no fundo verde-e-areia. Seu coração atirou-se para a menina num grande impulso agradecido; debruçou-se à janela, agitou os braços, gritou: "Amigo! Amigo!" — embora soubesse que o vento, a distância, o ruído do motor não deixariam ouvir nada. Ficou incerto se ela lhe vira os gestos, e quis corresponder de modo mais tangível. Gostaria de lhe atirar uma flor, uma oferenda. Mas que podia haver dentro de um dirigível da Marinha que servisse para ser oferecido a uma pequena? O objeto mais delicado que encontrou foi uma grande caneca de louça branca, pesada como uma bala de canhão, na qual em breve lhe iriam servir o café. E foi aquela caneca que o navegante atirou: atirou, não: deixou cair a uma distância prudente da figurinha iluminada, lá embaixo; deixou-a cair num gesto delicado, procurando abrandar a fôrça da gravidade, a fim de que o objeto não chegasse sibilante como um projétil, mas suavemente, como uma dádiva.

A menina que sacudia a toalha erguera realmente os olhos ao ouvir o motor do **blimp.** Viu os braços do rapaz se agitarem lá em cima. Depois viu aquela coisa branca fender o ar e cair na areia; teve um susto, pensou numa brincadeira de mau gôsto — uma pilhéria rude de soldado estrangeiro. Mas quando viu a caneca branca pousada no chão, intacta, teve uma confusa intuição do impulso que a mandara, apanhou-a, leu gravadas no fundo as mesmas letras que havia no corpo do dirigível: "U. S. Navy". Enquanto isso, o **blimp,** em lugar de ir para longe, dava mais uma volta lenta sôbre a casa e o pomar. Então a mocinha tornou a erguer os olhos e, deliberadamente dessa vez, acenou com a toalha, sorrindo e agitando a cabeça. O **blimp** fêz mais duas voltas

e lentamente se afastou — e a menina teve a impressão de que êle levava saudades. Lá de cima, o tripulante pensava também — não em saudades, que êle não sabia português, mas em qualquer coisa pungente e doce, porque, apesar de não falar nossa língua, soldado americano também tem coração.

Foi assim que se estabeleceu aquêle rito matinal. Diàriamente passava o *blimp* e diàriamente a menina o esperava, não mais levou a toalha branca, e às vezes nem sequer agitava os braços: deixava-se estar imóvel, mancha clara na terra banhada de sol. Era uma espécie de namoro de gavião com gazela: ele, fero soldado cortando os ares; ela, pequena, medrosa, lá embaixo, vendo-o passar com os olhos fascinados. Já agora, os presentes, trazidos de propósito da base, não eram mais a grosseira caneca improvisada: caíam do céu números do **Life** e do **Time,** um gorro de marinheiro, e certo dia o tripulante tirou do bôlso o seu lenço de seda vegetal perfumado com essência sintética de violetas. O lenço abriu-se no ar e veio voando como um papagaio de papel; ficou prêso afinal nos ramos de um cajueiro, e muito trabalho custou à pequena arrancá-lo de lá com a vara de apanhar cajus; assim mesmo ainda o rasgou um pouco, bem no meio.

Mas de todos os presentes o que mais lhe agradava era ainda o primeiro: a pesada caneca de pó de pedra. Pusera-a no seu quarto, em cima da banca de escrever. A princípio cuidara em usá-la na mesa, às refeições, mas se arreceou da zombaria dos irmãos. Ficou guardando nela os seus lápis e canetas. Um dia teve idéia melhor, e a caneca de louça passou a servir de vaso de flôres. Um galho de manacá, um bogari, um jasmim-do-cabo, uma rosa-menina, pois no jardim rústico da casa de campo não havia rosas importantes nem flôres caras.

Pôs-se a estudar com mais afinco o seu livro de conversação inglêsa; quando ia ao cinema, prestava uma atenção intensa aos diálogos, a fim de lhes apanhar não só o sentido, mas a pronúncia. Emprestava ao seu marinheiro as figuras de todos os galãs que via na tela, e sucessivamente êle era Clark Gable, Robert Taylor ou Cary Grant. Ou era louro feito um mocinho que morria numa batalha naval do Pacífico, e cujo nome a fita não dava; chegava até ser às vezes careteiro e risonho como Red Skelton. Porque ela era um pouco míope, mal o vislumbrava, olhando-o do chão: via um recorte de cabeça, uns braços se agitando; e conforme a direção dos raios do sol, parecia-lhe que êle tinha o cabelo louro ou escuro.

Não lhe ocorria que não pudesse ser sempre o mesmo marinheiro. E na verdade os tripulantes se revezavam diariamente: uns ficavam de folga e iam passear na cidade com as pequenas que por lá arranjavam; outros iam embora de vez para a África, para a Itália. No posto de dirigíveis criara-se aquela tradição da menina do laranjal. Os marinheiros puseram-lhe o apelido de "Tangerine-girl". Talvez por causa do filme de Dorothy Lamour, pois Dorothy Lamour é para tôdas as fôrças armadas norte-americanas o modêlo do que devem ser as moças morenas da América do Sul e das ilhas do Pacífico. Talvez porque ela os esperava sempre entre as laranjeiras. E talvez, porque o cabelo ruivo da pequena, quando brilhava à luz da manhã, tinha um brilho acobreado de tangerina madura. Um a um, sucessivamente, como um bem de todos, partilhavam êles o namôro com a garôta Tangerine. O pilôto da aeronave dava voltas, obediente, voando o mais baixo que lhe permitiam os regulamentos, enquanto o outro, da janelinha, olhava e dava adeus.

Não sei por que custou tanto a ocorrer aos rapazes a idéia de atirar um bilhete. Talvez pensassem que ela não os entenderia. Já fazia mais de um mês que sobrevoavam a casa, quando afinal o primeiro bilhete caiu; fora escrito sôbre uma cara rosada de rapariga na capa de uma revista: laboriosamente, em letras de imprensa, com os rudimentos de português que haviam aprendido da boca das pequenas, na cidade: *"Dear Tangerine-girl. Please você vem hoje (To-day) base X. Dancing, show, Oito horas P.M.*" E no outro ângulo da revista, em enormes letras, o *"Amigo"*, que é a palavra de passe dos americanos entre nós.

A pequena não atinou bem com aquêle "Tangerine girl". Seria ela? Sim, decerto... e aceitou o apelido, como uma lisonja. Depois pensou que as duas letras, do fim: "P. M.", seriam uma assinatura. Peter, Paul, ou Patsy, como o ajudante de Nick Carter? Mas uma lembrança de estudo lhe ocorreu: consultou as páginas finais do dicionário, que tratam de abreviaturas, e verificou, levemente decepcionada, que aquelas letras queriam dizer "a hora depois do meio-dia".

Não pudera acenar uma resposta porque só vira o bilhete ao abrir a revista, depois que o *blimp* se afastou. E estimou que assim o fôsse: sentia-se tremendamente assustada e tímida ante e aquela primeira aproximação com o seu aeronauta. Hoje veria se ele era alto e belo, louro ou moreno. Pensou em se esconder por

trás das colunas do portão, para o ver chegar — e não lhe falar nada. Ou talvez tivesse coragem maior e desse a êle a sua mão: juntos caminhariam até à base, depois dançariam um fox langoroso, êle lhe faria ao ouvido declarações de amor em inglês, encostando a face queimada de sol ao seu cabelo. Não pensou se o pessoal de casa lhe deixaria aceitar o convite. Tudo se ia passando como num sonho — e como num sonho se resolveria, sem lutas nem empecilhos.

Muito antes do escurecer já estava penteada, vestida. Seu coração batia, batia inseguro, a cabeça doía um pouco, o rosto estava em brasas. Resolveu não mostrar o convite a ninguém; não iria ao *show,* não dançaria, conversaria um pouco com êle ao portão. Ensaiava frases em inglês e preparava o ouvido para as doces palavras na língua estranha. Às sete horas ligou o rádio e ficou escutando languidamente o programa de *swings.* Um irmão passou, fêz troça do vestido bonito, naquela hora, e ela nem o ouviu. Às sete e meia já estava na varanda, com o ôlho no portão e na estrada. Às dez para as oito, noite fechada (já há muito acendera a pequena lâmpada que alumiava o portão), saiu para o jardim. E às oito em ponto ouviu risadas e tropel de passos na estrada, aproximando-se.

Com um recuo assustado verificou que não vinha apenas o seu marinheiro enamorado, mas um bando ruidoso dêles. Viu-os aproximarem-se, trêmula. Eles a avistaram, cercaram o portão — até parecia manobra militar —, tiraram os gorros e foram se apresentando numa algazarra jovial.

E de repente, mal lhes foi ouvindo os nomes, correndo os olhos pelas caras imberbes, pelo sorriso esportivo e juvenil dos rapazes, fitando-os de um em um, procurando entre êles o seu principe sonhado — ela compreendeu tudo. Não existia o seu marinheiro apaixonado — nunca fôra êle mais do que um mito do seu coração. Jamais houvera um único, jamais "êle" fôra o mesmo. Talvez nem sequer o próprio *blimp* fôsse o mesmo...

Que vergonha, meu Deus! Dera adeus a tanta gente; traída por uma aparência enganosa, mandara diàriamente a tantos rapazes diversos as mais doces mensagens do seu coração. E no sorriso dêles, nas palavras cordiais que dirigiam à namorada coletiva, à pequena Tangerine-girl que já era uma instituição da base — só viu escárnio, familiaridade insolente... Decerto pensavam que ela era também uma dessas pequenas que namoram os

marinheiros de passagem, quem quer que seja... decerto pensavam... Meu Deus do céu! Os moços, por causa da meia-escuridão, ou porque não cuidavam naquelas nuanças psicológicas, não atentaram na expressão de mágoa e susto que confrangia o rostinho redondo da amiguinha. E quando um dêles, curvando-se, lhe ofereceu o braço, viu-a com surprêsa recuar, balbuciando timidamente:

— Desculpem... houve engano... um engano... E os rapazes compreenderam ainda menos quando a viram fugir, a princípio lentamente, depois numa carreira cega. Nem desconfiaram que ela correu a trancar-se no quarto e mordendo o travesseiro, chorou as lágrimas mais amargas e mais quentes que tinha nos olhos.

Nunca mais a viram no laranjal; embora insistissem em atirar presentes, viam que eles ficavam no chão, esquecidos — ou às vezes eram apanhados pelos moleques do sítio.

Pici, janeiro 44

HISTÓRIA DE JAGUNÇO

Escrevendo eu outro dia a respeito do Padre Cícero veio-me à lembranca um episódio sucedido na época daquela arrancada de jagunços que com as bênçãos de ''Meu Padrinho'' e do senador Pinheiro Machado partiram do Juazeiro com o fim de depor o presidente do Estado, coronel Marcos Franco Rabelo.

Mas não pretendo contar aqui a história da luta. O presidente foi deposto mesmo, morreu muita gente — alguns jagunços e muitíssimos ''macacos'' — os soldados da polícia estadual. Morreu no combate de Miguel Calmon o ''nobre Jota da Penha'', caudilho rabelista que recebeu da bôca do cantador Aderaldo um dos mais belos epitáfios que têm ornado a sepultura dum herói:

Deus te dê a salvação,
Bôca que nunca mentiu,
Braço de herói destemido,
Mão forte que resistiu...

Vitoriosa a campanha, deu-se às "tropas beligerantes" a

ordem de regressar ao Juazeiro, onde seriam desarmadas, a fim de que se restabelecesse a ordem na província. Sempre foi tarefa dura para qualquer comandante desmobilizar tropas vencedoras, bem instaladas em território "inimigo". Calcule-se pois o esfôrço que careciam empregar os comandantes daquelas colunas irregularíssimas, compostas quase tôdas de bandidos de cartaz ilustre, de cangaceiros mercenários, de jagunços profissionais, encantados com o seu novo campo de atividades, e com a benévola aquiescência das autoridades federais a todos os seus desmandos. Mas apelou-se para o Padre Cícero, e tão grande era o prestigio do velho que a maioria da jagunçada, acantonada na cidade de Maranguape, vizinha à capital. exigiu apenas ir a Fortaleza "ver a pancada do mar" e voltou pacificamente ao Cariri, enchendo trens e trens, durante dias inteiros. Um ou outro grupo, contudo, "discordou" da ordem, e resolveu voltar ao Juazeiro não no trem do govêrno, mas a pé ou a cavalo, "por terra", como lá se diz. E durante a longa viagem de volta êsses homens iam esquecendo a finalidade inicial da arrancada, iam deixando de distinguir entre amigos e adversários, e aos poucos se transformavam em simples rufiões, que, sem indagar se as vítimas eram "rabelistas" ou "marrêtas", cercavam casas, assaltavam lojas, roubavam, assassinavam, violavam.

Já correra mais de um ano depois da "revolução", e ainda esses bandos andavam à sôlta, assolando uma zona do sertão que, dada a sua proximidade do litoral, sempre vivera livre de bandoleiros.

Por essa época, então, estava toda a minha família na nossa velha fazenda, o Junco, no município de Quixadá. Eu teria de três para quatro anos, e certamente tudo que recordo dos acontecimentos dêsse tempo não são lembranças pessoais, mas me foi sugerido pelas narrativas da família, que o caso ainda vive na tradição doméstica.

Cêrca de uns dois meses antes do dia em que começa a minha história, tinha-nos aparecido em casa, pedindo trabalho, faminto e maltrapilho, um cabra forte, mulato dos seus trinta anos, jeitoso, insinuante, que conseguiu agradar a meu pai e foi ficando na fazenda. Sabia fazer quase tudo, aparelhava cangalhas, curava bicheiras do gado, tapava goteiras do telhado, tocava harmônica, ajudava a tirar leite de manhã, arreava e banhava os cavalos, contava histórias às mulheres na cozinha quando lá ia filar um café,

e pràticamente me servia de ama-sêca. Pois Zé Antônio, que era êsse o nome do cabra, criou por mim uma extraordinária amizade. Cobria-me de mimos, cantava-me cantigas, balançava a rêde em que eu dormia a sesta no alpendre. era sempre quem me levava à lua da sela nos passeios a cavalo; fêz até uma bainha de couro para uma faquinha que arranjou não sei onde e que eu enfiava no cós da sunga, como Zé Antônio punha a sua no cinturão; juntos íamos afiar as nossas "armas" na pedra de amolar da beira do açude; e um dos divertimentos dos meus tios era me verem às voltas com Zé Antonio, pulando como um gato, sacudindo os cachos, espevitada e valentona, aprendendo a brigar de cacête, para escândalo e vergonha de tôdas as senhoras da família.

De repente começaram a circular boatos, contando as tropelias de um grupo de bandoleiros que andava pelos municípios vizinhos. Tinham sido vistos no Riachão, tinham atacado um negociante na Canoa, cochichava-se agora que andavam por perto de Cangati — e Cangati era justamente a estação que precedia a nossa, na linha do trem. Dizia-se que o grupo se compunha de uns vinte homens a cavalo, todos bem armados; roubavam dinheiro e jóias, rasgavam a punhal os sacos de mantimentos de que não se utilizavam, despejando o conteúdo no chão, realizavam exercícios de tiro ao alvo com o gado de raça dos currais. Faziam mal às moças, surravam velhas, sangravam os homens.

E numa tarde de sexta-feira, lá na orla de mato do pátio (quadrilátero de campo raso, de cêrca de um quilômetro em cada face, que se abre nas fazendas em tôrno da casa-grande), apontaram os primeiros animais do bando, com os seus cavaleiros. O sol poente se refletia no cano das armas, e mesmo à distância se avistavam os lenços vermelhos, as medalhas de ouro alumiando na aba quebrada dos chapeus de couro. Deram um tiro para o ar, e meteram a galope em direção à casa.

Mamãe amarrou as jóias num lenço, correu ao quintal, e atirou a trouxinha numa moita perto do galinheiro. (Neste momento em que escrevo, trago no peito um broche de ouro em forma de âncora que estava dentro dessa trouxa...) Antônia, a nossa ama, trancou-se na despensa com meu irmão pequenino.

Os cabras pararam a uns trinta metros de distância de casa, apearam, amarraram os animais num pé de turco espinhento que ainda hoje existe à beira do caminho do açude; lentamente foram se espalhando em redor da casa, fuzil na mão. passo lento, olhar

vigilante, até que o cêrco se fechou. No alpendre, papai, com mamãe ao lado e eu agarrada às saias dela, esperávamos; ao nosso redor uns três dos nossos caboclos, desarmados, e entre êles Zé Antônio.

O chefe do grupo destacou-se então do meio dos seus. Chegou devagarinho até ao degrau de pedra do alpendre, tirou o chapéu de couro, e com a fala mansa, o jeito encabulado, iniciou um preâmbulo cortês:

— Boa tarde, seu doutor. Vim com êsses meninos pedir um adjutório a vossa senhoria.

Antes que papai respondesse, houve um movimento à retaguarda. Era Zé Antônio que avançava. Papai virou-se rápido, para conter o cabra, pois qualquer resistência naquela hora representava morte certa — tôda a gente, no alpendre, estava na mira dos fuzis dos bandidos. O chefe também ergueu a vista, admirado; mas Zé Antônio avançava sempre — e aí o chefe abriu os braços, soltou uma exclamação, e os dois se agarraram. Mas tinham se agarrado num abraço. Davam risada, olhavam um para o outro, apertavam-se as mãos.

— E eu que lhe fazia morto, seu compadre! Cheguei a mandar o padre do Riachão dizer missa por sua alma!

Zé Antônio pôs-se a explicar então a confusa história dum tiro de raspão na cabeça; ficara apenas desacordado, conseguira escapar, viera se escondendo pela catinga, comendo raiz brava, até achar agasalho na casa-grande do Junco...

Os outros homens foram se chegando, espantados ante aqueles abraços. Mas reconhecendo Zé Antônio, também romperam em brados alegres.

Nós, esquecidos, ficávamos imóveis na nossa porta. Papai mordia o bigode, esperando o resultado da cena, com um desejo desesperado de dar cabo daquele traidor desgraçado que comera da nossa mesa e dormira sob as nossas telhas e caía agora nos braços dos assaltantes.

Afinal Zé Antônio virou-se. Chegou para o nosso lado — o Zé Antônio respeitoso de sempre. Parecia confuso, aflito até. Torcia na mão o chapéu de palha, e afinal falou:

— Seu doutor, minha dona, quero fazer uma confissão a vosmecês.

E narrou tôda a incrível história. Era êle, Zé Antônio, o sub-chefe, o lugar-tenente do bando.

— Ai, seu doutor, o senhor nem sabe quem é êste negro velho que comeu sua farinha! O compadre Amador derruba, mas Zé Antônio é quem sangra... E quando o sujeito cai no chão, estrebuchando, compadre Amador reza o bendito das almas e Zé Antônio bota-lhe a vela na mão para ajudar o cristão a morrer. Pra isso mesmo é que vivo com uma vela no bolso... Zé Antonio é um cabra desgraçado, seu doutor... tem mesmo que morrer de bala, ou pelo ferro frio... não é cabra para morar em casa dum homem como o senhor...

"O senhor se lembra dum caso de tiroteio que houve na Varge das Bêstas? Era nós... Peguei uma pitomba no couro da cabeça, botou uma sangueira danada, fiquei estirado no chão e os meninos me deram por morto. De lá foi que vim para cá... Desculpe o desafôro da chegada deles cercando a sua fazenda, seu doutor. Eu já disse a eles que esta casa para mim é santa, é mesmo que ser a casa da velha minha mãe, é mesmo que ser a Igreja do Perpétuo Socorro, do Juazeiro.

"Vamos saindo logo. Só pedimos ao senhor que deixe dar de beber aos animais no açude, e se a dona consentir, os meninos aceitam uma cuia de leite com farinha, que, diz o compadre Amador, desde de manhã não comem... Mas isso não é exigido, doutor, é só por sua bondade... Se não quiser dar nada nós vamos embora do mesmo jeito."

Papai apontou as vacas no curral:

— Vocês mesmos vão tírar o leite. As cuias estão naquele jirau, junto à janela da cozinha. Recebam a farinha pela janela também.

Enquanto os homens se espalhavam pelo curral, Zé Antônio ficou um momento parado no alpendre, vigiando. Eu correra com mamãe à cozinha para assistir a distribuição da farinha aos homens.

De repente Zé Antônio sumiu para os lados do quintal; papai o procurava com os olhos pelos quatro cantos; afinal o homem voltou, trazendo na mão a trouxinha das jóias. Mamãe o encarou com surprêsa; Zé Antônio lhe estendeu o embrulho:

— É Zé Antônio mesmo que faz questão de lhe entregar os seus ouros, dona...

O chefe do bando assistiu à cena sem pestanejar. Se não gostou, não disse nada. Recebeu a cuia que lhe oferecia um dos seus homens, recusou a farinha, bebeu leite em goladas lentas,

limpou a bôca nas costas da mão. Não sei com que sinal misterioso chamou os cabras, mas todos se foram reunindo de novo, defronte do alpendre. O chefe falou para Zé Antônio:

— Vá se despedindo, compadre. Vamos chegando, que é de noite.

Zé Antônio ia estendendo a mão a papai, mas se arrependeu. Contentou-se em repetir os agradecimentos e encomendar a gente a Meu Padrinho e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Depois se aproximou de mim, que me ia também chegando para êle e lhe sorria. Puxou do quadril a longa faca de fio fino como navalha, que eu tantas vêzes o vira afiar, à beira do açude. Estendeu a mão para mim, segurou-me a cabeca, e num golpe só, como quem quebra um talo de flor, cortou com a faca um dos meus cachos. Virou-se para papai, com um gesto de desculpa:

— É só o que Zé Antônio rouba daqui, seu doutor...

Deu uma risada satisfeita, vendo o tufo de cabelo na mão de Zé Antônio: êle sabia muito bem que eu detestava aqueles cachos.

Rio, abril 44

De *A Donzela e a Moura Torta.* 2. ed. (1987)